

VOZ DE ANTAS

S. PAIO DE ANTAS
=ESPOSENDE=

ANO I N.º 8
JULHO DE 1958

Composição e Impressão:
Escola Tipog. da Oficina de S. José
= B R A G A =

GRATIDÃO



A «Voz de Antas» é a voz da Igreja, a voz desta comunidade cristã que, aqui, entre o Neiva e o mar profundo, trabalha, canta, sofre e reza. E por isso não fica mal que desta vez seja a voz grata e honorificante dos humildes e dos fracos àquele que, cristãmente, desde há muitos anos, vem mitigando a sua dor e fortalecendo a sua fraqueza.

É o caso de «Alguém» que ali, na Quinta, há muito tempo trabalha, canta, reza e sofre, «Alguém» que sempre fez tudo isso pelos outros, pelos humildes e sofredores, numa doação contínua e exemplarmente cristã.

Para cá veio em 1912, trazido pela saudosa e nunca por demâis chorada Senhora D. Maria Adelaide — a Mãe dos pobres de S. Paio. Não admira, por isso, que ele ficasse sendo, desde logo, o Pai dos mesmos pobres.

O mundo aclama-o, com razão, como poeta genial, mas nós os pobres de S. Paio, temos a exaltar no Senhor Doutor (pois quem não adivinhou que é do Senhor Poeta, como tão familiarmente lhe chamamos, que se trata?) uma outra poesia mais nobre, mais bela e muito mais meritó-

ria; uma poesia que se dita aos anjos com rasgos de generosidade e de amor do próximo e que eles escrevem com letras de oiro no livro de contas do justo juiz.

Para quê lembrar uma história comovedora que todos conhecem?

Todos? — Talvez não, porque há muitas coisas belas que só Deus sabe e só um dia dará a conhecer.

Se alguém está doente e não pode pagar a receita, se alguém tem fome e não tem com que matá-la, se alguém quer ganhar o seu sustento e não tem onde empregar os seus braços, sempre soube que na Quinta estava Alguém que resolveria essas dificuldades.

Nós temos aqui números bastante eloquentes, mas para que citá-los, se os números, por grandes que sejam, são sempre mais pequenos que a grandeza de alma que os ditou?

E hoje o «Senhor Poeta», aí está, como anjo invisível de caridade, a continuar a tradição caritativa da casa onde tão bem se enquadrou. Aí está também a dar a todos os que sofrem um exemplo de corajosa resignação cristã, de heróica conformidade com a vontade de Deus.

O Ex.^{mo} Senhor Doutor Correia de Oliveira nasceu no dia 30 de Julho de 1879 o

(Continua na 4.^a página)

O PENEDO DO MONGE

(Continuação)

O monge lá vivia na montanha desde aquela tarde ao pôr do sol em que chegara à aldeia.

De vez em quando descia ao povoado. Ao vê-lo as mulheres esquivavam-se. Os homens resmungavam:

— Ali deve haver coisa!

Nos caminhos dava rebuçados às crianças e muitas esmolas aos pobres. Dizia-se que era rico. A gente abanava a cabeça. De certo era ladrão. Há muitos que dão esmolas para enganar. Já contava o Joaquim que esteve no Brasil...

E à noite entrancavam-se os portais e recolhiam-se o milho das eiras.

Tinha as suas rezas, mas deviam ser crendices que ele tinha uns ares de heresia. Um domingo veio à missa. Ia quase a meio. Ele entrou, ajoelhou e ficou muito curvado sem fazer o sinal da cruz. O povo começou a apertar-se para o lado e ele ficou só num grande centro.

Um miudito chegou-se à beiradele, pegou-lhe na mão e pediu-lhe as barbas. Ele fez-lhe uma carícia. Mas a mãe correu e levou a criança.

— Mau olhado! Santa Rita Milagrosa!

No adro procurava conversar com os outros homens, mas bem via que todos fugiam dele como se fuge da peste.

— Muitas vezes estes homens fazem-se de religiosos para enganar. Já contava o Joaquim que esteve no Brasil...

E muito triste subia a serra.

* * *

Pela tardinha, Corrêcio era certo junto do penedo.

— Tio Monge.

— Ah!

— Olhe as cabras. A gente não se demora.

E a malta toda lá seguia, subindo e descendo encostas, livre das cabras, à procura dos grilos e das luras de coelho. E ele, ali ficava, sentado sobre os penedos, a vigiar as cabras e as ovelhas. Aquela hora já ali não chegavam as nortadas. Só o mar distante, muito azul, para além da estrada nacional.

— Tio Monge.

— Ah!

— Já viemos.

Uma tarde, os miudos caçaram um coelho. Pequeno, muito tenro, ainda cheio de penugem. Chiava que metia dó. Foi uma algazarra. Trouxeram-no em triunfo, correndo doidamente pelos montes até ao Penedo.

Ainda longe:

— Heh! Tio Monge. Olhe um coelho.

E decidiram que o coelho era para ele.

Não Eu não preciso, meninos

Qual quê! O coelho é para vossemecê. É por ser o primeiro. Os que caçassem nos outros dias, seriam para eles, distribuindo-os por igual.

Naquela noite, quando o mar enchia a serra, o homem com a cabeça no postigo da Senhora da Guia chorou sózinho

E ao outro dia, ainda pelo calor da tarde, os miudos lá estavam, armados de paus e sacos para os coelhos.

— Tio Monge! vamos à caça. Olhe as cabras.

* * *

Noite quente de verão. Poucas estrelas. A montanha dormia, recolhida em silêncio. Lá no fundo eram sombras e mais sombras estendidas sobre os casais.

Nisto, ele bem viu, rompendo das sombras começou a surgir uma luz. A surgir e a crescer. Era fogo.

— Fogo. Fogo! — E o monge corria encosta abaixo, espantando as sombras: fogo! Fogo!

Aqui e além acordavam vizinhos. Na torre da Igreja, o sino badalava sem cessar. Badalava e assustava as sombras.

Era na casa do Fontes. Toda a aldeia correu. Pobre Fontes. Acordou com a algazarra que vinha do seu quinteiro. Ardeu o palheiro, o alpendre e todo o recheio da casa da eira. Quase todo o S. Miguel.

— Coragem, tio Fontes. São sortes.

— Pois são.

E na torre da Igreja, o monge, ferindo a noite, badalava o sino sem cessar.

— O mostrengo que se cale com o sino. Já se ouviu.

— Coitado. Se não fosse ele...

— Ora, se não fosse ele, era outro. Monge peçonhento.

— Tresanda o barbaças!

O fogo àquela hora, num palheiro sem

(Continua na página 6)

O "SENHOR POETA,"

NOTA SIMPÁTICA

Correia de Oliveira, o Senhor Poeta como tão carinhosamente lhe chamamos, é um grande poeta mas é também uma grande alma, aberta e sensível às mais pequeninas delicadezas dos fracos e dos humildes. Apesar do seu grande valor nunca subiu a trono algum do qual os simples e os pequeninos tivessem medo de se aproximar.

Estes dois enternecedores documentos que vamos publicar dão testemunho do que acabamos de escrever.

Escola Padre João Ribeiro d'Almeida

Elh^{mo} Sn.^{re}

António Correia de Oliveira

Com perdão do Senhor e com sua licença venho escrever mas não se sangue com nosco. Talvez o que nos fazemos não seja bem feito e se dissesemos a nossa Professora ela de certeza zangasse com nosco mas o Senhor de sertesa é tam bom como a nossa menina a nossa Proffessora e por isso mesmo que se sangue fas-nos a vontade sim?

Eu e os meus conpanheiros resolvemos escrever ao Senhor porque a nossa Proffessora tem nos falado muitas vezes do Senhor e tem lido ao entrevalo cantigas que o Senhor fes e para o Ano para as Férias grandes dizemos umas muito bonitas quando fizer-mos uma festa.

Nós somos muito pobrezinhos a nossa escola fui feita por muitas esmolos que nos deram e pelo trabalho dos nossos pais que deram as jeiras dos bois de grassa. Agora a prima da nossa menina a menina Zabelenha deu o nosso Senhor para a nossa aula, é tam bonito que p-resse melhor que o nosso Senhor da capela.

Nos quando andamos com as ovelhas é que resamos a Êle coisas que nos ensinam. Nós vinhamos pedir ao Senhor que nos fizesse umas cantigas para a gente dizer no dia que o Senhor Reitor vem pôr o nosso Senhor à Escola e que é no dia 10 de Dezembro. Nós vimos pedir isto porque a nossa proffessora diz que o Senhor é muito bom e que é velhinho como o nosso Senhor Padre que nos fas sempre a vontade quando lhe pedimos alguma coisa.

E o Senhor fas sim? Muito agradessidos lhe ficamos e por sermos pobresinhos prometemos dizer as lóas também para os

(Continua na 4.ª página)

Meus Filhos:

Recebi a vossa cartinha que muito me enterneceu muito! muito!

Logo pus no meu coração mandar os versos. Queria que êles fossem os mais bonitos que por ventura tenha feito. Infelizmente, a carta chegou atrasada, pois andou a viajar por outras terras antes de vir meter-se neste cantinho do mundo. De forma que, entre outros trabalhos, o tempo foi muito apertado. E os versos não aparecem quando a gente quer! São assim como os ninhos e as cerejas que só veem no seu momento: e, ainda assim mesmo, para eles não há reportório certo.

No entanto, aí vão as cantiguitas. Mas foram arranjadas muito à pressa: assim como vós, quando reparais que se faz tarde, abalais para a aula a correr, tamanquinho aqui, tamanquinho além, todos afoqueados, — e talvez deixando mal seguro o cancelo das ovelhas... Mas, aí não andam lobos, não? Graças a Deus! É que dizem que eles andam, muito assanhados e devoradores lá muito longe, para os lados da Russia,

Bem! Sempre mando os versos.

— Será o que vós tinheis no vosso coraçãozito?

Oxalá!

De certo que são muito cumpridos para um só decorar. Porém, podem ser lidos, Além disso, como vereis na escrita, eu ponho para serem divididos entre vós todos.

Um, dirá as primeiras quadras. Depois uma menina e um rapaz recitarão, alternadamente (isto é, á vez) as seguintes. E as ultimas serão cantadas ou apenas ditas em côro, por todos. Isto tornará mais variado, e será mais leve:

É claro que esta disposição não passa de lembrança: A vossa querida Professora ("a vossa Menina", como tão engraçada e carinhosamente lhe chamais) é que há de dizer como será. E o que ela resolver bem e sãbiamente resolvido... ficará: serei eu o primeiro a obedecer-lhe.

Agora, uma coisa muito séria: Olhem que eu não sou bom como imaginais. Ai de mim! Nisto, — e só nisto, — é que a Senhora Mestra errou a lição! Os poetas, em geral e eu muito especialmente, não são bons como os Senhores Sacerdotes. Sobretudo quando

(Continua na 4.ª página)

O "SENHOR POETA," (Continuação da 3.ª página)

meninos lá da cidade não demore não? um abraço muito grande de nós todos.

Codoiço Fornos d'Algodres, é a nossa direcção. Manuel Pinto, Armindo Ferreira, Patrocínina Santos, M. S. José. A. Cardoso. José Tomás. A. Martins. Oliveira Albuquerque.

GRATIDÃO

(Continuação da 1.ª página)

que quer dizer que perfaz nesse dia do mês que corre, 79 anos cheios de mérito diante de Deus e dos homens.

A «Voz de Antas» aproveita esta circunstância de tempo para ser a voz de homenagem e de agradecimento sincero e profundo de todos os que algum dia beneficiaram da sua caridade, de todos os filhos de S. Paio que aprenderam a lição do seu exemplo cristão.

Que Deus lhe pague dando-lhe uma vida longa com alívio do seu sofrer e que no grande dia das contas, o Divino Juiz, ao abrir o livro do julgamento, depare com essa epopeia de Caridade que tão bem soube escrever e o mande entrar, como prémio, no País da celeste poesia.

Agenda

Aos que se encontram na Argentina, Brasil ou África, pedimos o favor de nos informarem se têm ou não recebido o jornal e se gostam dele.

Temo-lo mandado a todos de quantos possuímos as direcções, mas gostavamos de saber se ele tem ou não chegado ao seu destino.

* * *

Como têm notado pelos números anteriores, o nosso jornal costuma a publicar os nomes dos que auxiliam ou concorram com alguma esmola para as nossas obras paroquiais que vossas são. Não o fazemos no intuito de diminuir ninguém. O nosso intento é apenas dar conhecimento dos interessados da recepção das ditas esmolos. Estas continuarão e estão totalmente ao arbítrio de cada um. Só dá quem puder e quiser. Se agradecemos as esmolos com gosto, nem por isso a nossa consideração e o nosso carinho diminuirão para aqueles que o não façam ou não possam fazer. O jornal seguirá sempre para todos e com ele o abraço fraternal de toda a nossa família paroquial.

estes são velhinhos como o vosso: o que quer dizer que longamente viveram e sofreram no amor de Deus e das suas criaturas.

Mas estou a roubar-vos tempo. — Vái ide decorar as arrevezadas cantigas.

Adeus. Digam, em duas palavrinhas se receberam e não foi muito grande a desilusão.

Beijai por mim a mão do Senhor Reitor. Dizei à "vossa Mentna" que a cumprimento, e só lhe não mando flores por não caberem nesta carta. — E, já se vê! rezai por mim um Padre Nosso ao vosso novo Senhor Jesus.

Um abraço para todos, e muitos beijos, do vosso amigo muito grato, e enternecido, e de todo o coração.

António

RECEBEMOS...

Manuel da Costa Cruz (Argentina), para a Igreja	100\$00
para o jornal	50\$00
Elídio da Costa Cruz (Argentina), a S. António para a Igreja	130\$00
Cassiano Alves de Faria (Angola) para o jornal	50\$00
Domingos Gonçalves Santamarinha (Argentina) para o jornal	150 pesos
José Moreira de Faria (Argentina) para o jornal	150 pesos
Laurentino Meira do Vale (França)	2.000 franc
Domingos Fernandes Vieira, Castelo do Neiva (França)	1.000 ..
Claudino Augusto da Cruz (França)	1.000 ..
Bernardo de Azevedo Viana (França)	1.000 ..
José Rodrigues Pereira, S. Romão do Neiva (França)	1.000 ..
José Viana de Azevedo (França)	2.000 ..
Domingos Alves de Azevedo (França)	1.000 ..

Adivinha

Juntas vivemos e andamos
 Vestindo trajes iguais.
 E sendo amigos jámais
 Ver um ao outro desejamos.
 Ainda que mui longe vamos
 Por solitário caminho,
 Nenhum sai do pátio ninho.
 Por úteis ambos nos temos,
 Mas o que juntas fazemos
 Faz qualquer de nós sózinho.

(Solução no número de Agosto)

O Sacramento do Matrimónio

A CERIMÓNIA DE DESCASAR

Após muitos gritos e escândalos, foram os dois, marido e mulher, ter com o pároco da freguesia a ver se podia descasá-los.

— Posso — respondeu — mas a cerimónia será mais penosa que de casar-se.

— Custe o que custar — responderam os dois consortes desavindos.

Dirigiram-se, portanto, à Igreja, e ajoelhados no arco-cruzeiro, começou o pároco, que era homem de génio, a descarregar um pau ora num, ora na outra, murmurando entretanto não sei que orações.

— A cerimónia ainda há-de durar muito? — perguntou o marido.

Respondeu o sacerdote :

— Até que morra um dos dois.

— Vamos então já para casa — disse o marido à sua costela — porque é pior descasar-se do que viver mal casados.

* * *

Com isto já vês tu, meu filho, que uma vez casado não há remédio; é mister viver com a mulher até à morte.

Olha, pois, se o casar-te há-de ser coisa de capricho ou o negócio mais sério do mundo.

Alerta, pois, não suceda enamoares-te de alguma moça rebelde e desobediente a seus pais, porque também não faria caso de ti.

Cuidado em te afeiçoares a alguma louca de festas, porque não costumam sair nem boas esposas nem boas mães de família.

Livra-te Deus de tomar por mulher a alguma tonta (ou sábia) desonrada, porque seria a tua afronta e a cruz de chumbo de toda a tua vida. E quando te cases, não inaugures o teu novo estado com um horrível sacrilégio, recebendo o Sacramento do Matrimónio em pecado mortal, ou casando-te na vigararia dos perros, como os espanhóis chamam aos do matrimónio civil, porque já sabes que desde aquele dia entra na tua casa o demónio que os há casado, e não sai dali até que os leve para os infernos.

Recorda-te do que te digo, porque é a pura verdade.

Por conseguinte, desde o dia e momento em que trates de te casar, olha tu para todas as coisas não como um bôbo, senão como bom cristão, só assim podes promettê-las felizes; só assim serás pai de bons filhos, e não de filhos condenados como seu pai.

Não queiras ter um inferno nesta vida e um segundo inferno na outra, senão um céu de paz na terra, e outro de glória no paraíso.

(Migalhas de Doutrina)

DE VISITA

Vindo da Argentina, onde regressará novamente, encontra-se em S. Paio de visita aos seus, José Moreira de Faria.

==

Também de visita à família e para contraírem matrimónio, chegaram de França, Albino Azevedo e Sá e Manuel de Azevedo Neiva.

==

Para passar uns dias no meio dos seus chegou também, de França, Domingos Alves de Azevedo.

PARTIU

No dia 15/7, deixou S. Paio a caminho da Argentina, Manuel António Laranjeira Amaro.

Deus o acompanhe sempre.

Com Aprovação da Autoridade Eclesiástica

NOTICIÁRIO

Casamentos

Augusto da Costa Pereira da Silva, natural de S. Romão do Neiva e Deolinda Gonçalves do lugar de Guilheta contrairam o Santo Sacramento do matrimónio a 10/7

Luís Eduardo Branco Neto, residente em Lourenço Marques, casou por procuração, com Dalila do Céu Carvalho Ribeiro de Moraes a 12/7

No Santuário de N.ª S.ª do Sameiro, Braga, contrairam o sacramento do matrimónio a 19/7 Albino Azevedo e Sá com Maria Alzira de Azevedo Neiva e Manuel Azevedo Neiva com Amélia Gonçalves Viana Rolo (Agra).

Propriedades do matrimónio cristão:

— Uno, isto é, só pode ser contraído entre um homem e uma mulher.

Indissolúvel, quer dizer, os esposos não podem casar novamente enquanto ambos forem vivos.

Baptizados

Maria Lúcia Gonçalves Ledo, filha de Domingos Ferreira Martins Ledo e de Olívia Gonçalves, residentes no lugar de Guilheta, foi baptizada a 26/6.

Manuel Victor Caramalho Pires, filho de Manuel Pires e de Amélia Viana Caramalho, residente no lugar de Guilheta foi baptizado a 13/7.

José Maia da Costa, filho de António Gonçalves da Costa e de Maria Sampaio Maia, residentes em Guilheta, foi baptizado a 16/7.

Maria Manuela Saleiro Laranjeira, filha de Albino da Cruz Laranjeira e de Cândida Vaz Saleiro, do lugar da Igreja, foi baptizada a 18/7.

Maria Sampaio Viana, filha de Luciano da Cruz Viana e de Maria Rolo Sampaio, residentes no lugar de Azevedo, foi baptizada a 20/7.

Maria Cândida da Cruz Laranjeira, filha de Manuel Cândido Pires Laranjeira e de Maria Leontina Viana da Cruz, residentes no lugar do Monte, foi baptizada a 23/7.

O PENEDO DO MONGE

(Continuação da página 2)

rescaldo, nem lume perto era de estranhar... E depois ser logo o Monge, lá nos contrafortes da montanha, o primeiro a ver... E houve quem conjecturasse se não andaria ali patifaria daquele tihoso.

(Conclui no próximo número)

Óbito

Maria Alves da Cruz (Capucha), de 83 anos de idade, casada com José Pires Laranjeira, faleceu em S. Paio de Cima a 15/7.

Festa de Nossa Senhora das Vitórias

Realizou-se com todo o brilho e esplendor esta festa tão querida de todos os filhos de S. Paio.

O programa anunciado, cumpriu se totalmente e com tal ordem, respeito e fervor que bem se pode dizer que estamos todos de parabéns.

Só desta maneira é que as festas tem razão de ser e são agradáveis a Deus.

Durante os festejos, a nossa Igreja foi motivo de orgulho para todos, e com razão, tal era o esmero e asseio com que estava adornada.

Por isso merecem felicitações as zeladoras dos altares que não se pouparam a esforços e canseiras para que tudo estivesse lindo e mimoso como de facto estava.

No próximo número falaremos mais sobre a festa e acerca da nossa igreja.

Acampamento

Na Foz do Neiva, estão acampados os alunos do Seminário do Espírito Santo, de Viana do Castelo, o Director e o Sub-Director — P.º Domingos Neiva, filho de Antas.

Fazemos votos porque tenham bom tempo, gostem da nossa terra e para o ano voltem.